


**ENTRE A PRESA E O CAÇADOR: O INSTINTO DA RESISTÊNCIA EM  
BACURAU**

**BETWEEN THE PREY AND THE HUNTER: THE INSTINCT OF RESISTANCE  
IN BACURAU**

**ENTRE LA PRESA Y EL CAZADOR: EL INSTINTO DE RESISTENCIA EN  
BACURAU**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n5-125>

**Data de submissão:** 25/04/2026

**Data de publicação:** 25/05/2026

**Jack Brandão**  
Prof. Dr.

**RESUMO**

O presente artigo analisa o filme Bacurau (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, sob uma perspectiva histórico-sociocultural que vincula o sertão brasileiro ao imaginário do cangaço e às narrativas de resistência popular. A partir do diálogo com a literatura regionalista — em especial O Cabeleira (1876), de Franklin Távora — e da discussão crítica sobre discursos raciais do século XIX (exemplificados por Arthur de Gobineau), bem como da produção intelectual brasileira representada por Euclides da Cunha (Os Sertões), busca-se compreender como representações racializadas e deterministas do sertão contribuíram para naturalizar a violência e justificar formas de dominação. O estudo estabelece ainda uma analogia entre a caçada retratada em Bacurau e práticas imperialistas contemporâneas, nas quais potências hegemônicas impõem sua força militar e cultural sobre povos considerados inferiores; essa relação é problematizada à luz da Guerra do Vietnã, em que os vietnamitas subverteram a lógica da dominação, invertendo a condição de presa em caçador. Para interpretar o prazer sádico dos caçadores e as dinâmicas coletivas de violência, o artigo mobiliza teorias psicológicas do instinto e das pulsões — articulando as reflexões de William James sobre hábito e instinto, o enfoque de William McDougall nos motivadores instintivos e as formulações freudianas das pulsões (incluindo a tensão entre pulsão de vida e pulsão de morte). Essas perspectivas conjuntas iluminam como disposições individuais, narrativas culturais e ideologias racializadas convergem na representação da caçada e da insurgência popular no filme.

**Palavras-chave:** Bacurau. Cangaço. Imperialismo. Resistência. Simbolismo da Caça.

**ABSTRACT**

This article analyzes the film Bacurau (2019), directed by Kleber Mendonça Filho and Juliano Dornelles, from a historical-sociocultural perspective that connects the Brazilian backlands (sertão) to the imagery of cangaço and narratives of popular resistance. Drawing on regionalist literature – especially O Cabeleira (1876) by Franklin Távora – and on nineteenth-century racialist discourse typified by Arthur de Gobineau, as well as the Brazilian intellectual framing in Euclides da Cunha's Os Sertões, the study examines how racialized and environmental-determinist representations of the sertão helped to naturalize violence and legitimize domination. The article also establishes an analogy between the hunt portrayed in Bacurau and contemporary imperialist practices, in which hegemonic powers (such as the United States) impose military and cultural force over peoples labelled “inferior.” This parallel is problematized through a comparison with the Vietnam War, where subordinated peoples reversed the logic of domination and transformed prey into hunters. To interpret the hunters’

sadistic pleasure and the collective dynamics of violence, the paper mobilizes psychological theories of instinct and drives – engaging William James’s reflections on habit and instinct, William McDougall’s emphasis on instinctual motivators, and Sigmund Freud’s formulations of drives (including the ambivalence between life- and death-drives). Together, these perspectives illuminate how individual dispositions, cultural narratives, and racialized ideologies converge in the film’s depiction of the hunt and of popular insurrection.

**Keywords:** Bacurau. Cangaço. Imperialism. Resistance. Symbolism of the Hunt.

## **RESUMEN**

Este artículo analiza la película Bacurau (2019), de Kleber Mendonça Filho y Juliano Dornelles, desde una perspectiva histórico-sociocultural que vincula el interior brasileño con el imaginario del cangaço y las narrativas de resistencia popular. A partir del diálogo con la literatura regionalista — especialmente O Cabeleira (1876), de Franklin Távora— y la discusión crítica sobre los discursos raciales del siglo XIX (ejemplificada por Arthur de Gobineau), así como con la producción intelectual brasileña representada por Euclides da Cunha (Os Sertões), buscamos comprender cómo las representaciones racializadas y deterministas del sertão contribuyeron a naturalizar la violencia y justificar formas de dominación. El estudio también establece una analogía entre la caza retratada en Bacurau y las prácticas imperialistas contemporáneas, en las que las potencias hegemónicas imponen su fuerza militar y cultural a pueblos considerados inferiores; Esta relación se problematiza a la luz de la guerra de Vietnam, en la que los vietnamitas subvirtieron la lógica de dominación, invirtiendo la condición de presa en cazadora. Para interpretar el placer sádico de los cazadores y la dinámica colectiva de la violencia, el artículo moviliza teorías psicológicas del instinto y las pulsiones, articulando las reflexiones de William James sobre el hábito y el instinto, el enfoque de William McDougall en los motivadores instintivos y las formulaciones de Freud sobre las pulsiones (incluida la tensión entre la pulsión de vida y la pulsión de muerte). Estas perspectivas conjuntas iluminan cómo las disposiciones individuales, las narrativas culturales y las ideologías racializadas convergen en la representación cinematográfica de la caza y la insurgencia popular.

**Palabras clave:** Bacurau. Cangaço. Imperialismo. Resistencia. Simbolismo de la Caza.

## 1 INTRODUÇÃO

Poderíamos reafirmar, ou mesmo questionar em alguns momentos, a ideia darwiniana da sobrevivência dos mais fortes, quando abordamos, em um contexto social amplo, a constância e o domínio de um Império – refletidos em sua expansão ou colapso –; a preponderância ou o desprestígio de um grupo social – demonstrados por sua supremacia ou submissão frente a forças externas –; ou a luta por sobrevivência de um ser humano – percebida ou não, no meio em que se insere.

Como a história nos revela, temos nesses três contextos uma interrelação dos conceitos de força e de dominação, gerando ora agressão ora predação. Isso ocorre quando tais grupos são obrigados a vincular-se a estratégias para manter seu *status quo* e não sucumbir mediante mudanças em pactos preestabelecidos, ou apenas para sobreviver em meio ao caos. Contudo, apesar de todas as tratativas, tal ordem sempre é rompida, alterando-se a precedente.

Isso fica claro quando os que eram os “fracos” na relação invertem a cadeia de poder, libertam-se de suas amarras e infringem danos àqueles que antes os agrediam, oprimiam ou “caçavam”, refundando-se sob o legado dos seus destroços de seus antigos opressores. Há, na história, inúmeros exemplos, como os povos helênicos sob domínio da Pérsia que seria conquistada por Alexandre; os turcos, antigos aliados de Roma sob Justino II ou Heráclio, os quais derrubariam o Império no século XV; os antigos submissos burgueses que levariam nobres e religiosos para a guilhotina, destruindo o *Ancien Régime*; ou, mais recentemente, os vietnamitas e os talibãs que se insurgiram contra os EUA.

A partir desses exemplos, chegamos ao filme distópico franco-brasileiro “Bacurau” (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, marco do cinema brasileiro contemporâneo. Seu enredo futurista retrata um vilarejo no sertão nordestino que se vê imerso em um “jogo” de predação, cujo objeto de caça eram seus próprios moradores. No entanto, isso não seria tão fácil como parecia, afinal os caçadores desconheciam não só as tradições daquele povo, como também que eles não estavam desvinculadas de sua realidade, mas mantinham-se bem vivas e materializadas no precário e ignorado museu da cidade.

O povoado é invadido por um grupo de estrangeiros que, em busca de adrenalina e dopamina, compraram o direito de caçar seus habitantes por mera diversão com a total anuência das autoridades locais. Estas demonstravam total desprezo àquela gente e a sua cultura, por isso buscavam a reificação daqueles moradores vistos como “prepotentes” e “arrogantes”. Isso só porque estes não se mantinham calados e aceitavam os desmandos daqueles. Não à toa, o prefeito da cidade vislumbrava, no extermínio daquela gente, uma “solução final” para seus próprios problemas, bem como uma oportunidade de tirá-los, literalmente, do mapa.

A comunidade, no entanto, levantou-se contra os invasores estrangeiros que, assim como seus próprios governantes, não os enxergavam como seres humanos, mas meros objetos de diversão ou manipulação. Infelizmente, nada de novo, já que tal fato não passa de uma ideia especular ou alegórica brutal do imperialismo e da necropolítica, como vistos na Alemanha nazista, na primeira metade do século XX, ou no sionista Israel contra a Faixa de Gaza em nossos dias.

Este artigo, portanto, busca analisar “Bacurau” num campo mais amplo, não como uma obra isolada, presa a seu mundo distópico, mas como parte de um diálogo cultural contínuo, de modo especial, com a história universal; e, num campo mais restrito, com um fenômeno que, no Brasil, é conhecido por “cangaço”, devido a suas referências no longa.

As origens de tal movimento, por sinal, também são explorados na literatura brasileira, no chamado romance regionalista nordestino, que buscou não só descobrir o Brasil para além da corte no Rio de Janeiro, como também de mostrar a realidade de uma zona rural desconhecida pela maioria dos brasileiros. Temos, assim, “O Cabeleira” (1876), obra de Franklin Távora que foi um dos principais defensores daquilo que ele chamava de “literatura do norte”, ou a mais “autenticamente” brasileira. Seu enredo conta a história de um bandido do século XVIII, mas seu objetivo transcende o mero relato histórico, já que o autor utiliza da ficção para investigar as raízes da violência no local. No final do livro, após a execução do protagonista, o narrador questiona a culpa exclusiva do criminoso, quando se exime a sociedade e seus dirigentes:

A justiça executou o Cabeleira por crimes que tiveram sua principal origem na ignorância e na pobreza.  
Mas o responsável de males semelhantes não será primeiro que todos a sociedade que não cumpre o dever de difundir a instrução, fonte da moral, e de organizar o trabalho, fonte da riqueza? (Távora, 1988, p. 135)

Com essa pergunta retórica, o autor, pioneiro nessa representação, bem como na denúncia das estruturas sociais que o produziram, resume a tese central da obra, ou seja, que o bandido é, em grande parte, uma criação de uma sociedade excludente e de um Estado ausente. Resignifica-se, portanto, a figura do “bandido social” que se torna um ícone de resistência a uma opressão que se globaliza. Em sua própria vida ecoam violências históricas, resignificando ideias como o “bem” e o “mal”, ou conceitos como “herói” ou “vilão”, refletidos em tempos e povos diferentes, ao redor do mundo.

## **2 A BUSCA POR ALIADOS E PODER**

Se voltarmos a meados do século XX e tendo em mente o Império Americano, perceberemos que este se aliou, diversas vezes, a determinados grupos que, apesar de serem considerados inferiores

e inexpressivos<sup>1</sup>, seriam imprescindíveis para seus interesses. No entanto, aquilo que era visto como inferioridade demonstrou, ao longo do tempo, ser exatamente o oposto, afinal se mostrariam mais fortes do que pareciam. Além disso, tais grupos souberam muito bem aproveitar os financiamentos, os treinamentos e os armamentos recebidos por aquela potência, vista até então como “amiga”, utilizando-os para seu próprio benefício.

O pretexto por tal cooperação, verdadeiro jargão empregado anos depois, seria sempre o mesmo: libertar sua população do imperialismo europeu, do comunismo, de tiranos locais ou levar a democracia ao país. Na realidade, visava a um único objetivo: minar grupos e países que representavam uma ameaça aos interesses estadunidenses, minando-os até sua destruição ou subjugando-os, pelo menos em determinado lapso temporal.

No entanto, muitos desses grupos não só se libertariam das amarras imperialistas – tanto europeias quanto estadunidenses –, sofrendo suas consequências, como também imporiam sérios reveses a seus antigos patrocinadores. Podemos ilustrar com alguns exemplos, como o financiamento, o treinamento e o fornecimento de armas pelo Escritório de Serviços Estratégicos (OSS)<sup>2</sup> dos EUA ao Viet Minh, liderado por Ho Chi Minh, na Indochina francesa<sup>3</sup>.

Deve-se destacar que, após o ataque a Pearl Harbor e a declaração de guerra ao Japão pelos EUA, interessava à potência americana derrotar, de todas as maneiras, o Império Japonês, advindo daí o apoio dado a Ho Chi Minh e à China. A coalizão asiática, porém, buscava não só derrotar e expulsar os japoneses que ocuparam a região, por volta de 1940, com o consentimento da França de Vichy, como também os franceses. No entanto, terminado o conflito e a consequente declaração de independência do Vietnã por Ho Chi Minh em setembro de 1945<sup>4</sup>, os estadunidenses não só abandonaram o pacto firmado com o Viet Minh, como também buscaram a retomada do *status quo* anterior a guerra, favorecendo a França.

---

<sup>1</sup> Por mais absurda que possa ser tal afirmação, ainda hoje em pleno século XXI, estamos assistindo a um ressurgimento de grupos supremacistas, de modo especial após a segunda eleição de Donald Trump. Exemplo claro dessa situação é o tratamento dado aos palestinos da Faixa de Gaza pelos sionistas. Estes tratam aqueles, literalmente, como seres inferiores que merecem ser exterminados, repetindo em larga escala o que os nazistas fizeram com os próprios judeus na Europa ocupada por suas tropas.

<sup>2</sup> O Escritório de Serviços Estratégicos (OSS) foi a primeira agência de inteligência dos EUA, formada durante a Segunda Guerra Mundial, como uma agência do Estado-Maior Conjunto (JCS) para coordenar atividades de espionagem atrás das linhas inimigas para todos os ramos das Forças Armadas dos Estados Unidos. Suas outras funções incluíam o uso de propaganda, subversão e planejamento pós-guerra, sendo tido como precursor da Agência Central de Inteligência (CIA).

<sup>3</sup> Hoje Vietnã, Laos e Camboja

<sup>4</sup> Que só existia na teoria, nunca na prática, visto que não controlavam território algum.

Figura 1: Ho Chi Minh com membros da OSS estadunidense, cuja missão era treinar guerrilheiros do Viet Minh, 1945



Fonte: National Archives and Records Administration

Entretanto, as negociações entre a França e o Viet Minh fracassaram, levando a região à Guerra da Indochina que duraria quase dez anos. Com o aumento das tensões, o país europeu foi derrotado em 1954, apesar da ajuda dos EUA, acarretando a divisão do Vietnã: ao norte, uma nação comunista; ao sul, uma anticomunista, agora financiada, diretamente, pela potência americana.

Com medo de que o comunismo se espalhasse pela região, os EUA, a despeito de toda a fracassada ajuda que dera aos franceses, também se viram mergulhados numa guerra que duraria quase vinte anos (1955-1975). Assim como fizeram com a França, buscaram defender a República do Vietnã que se mostrava incapaz de resistir às ofensivas do norte e dos Viet Cong. Aquilo que se viu a seguir foi um aumento gradual da presença estadunidense na região e das diversas atrocidades que se seguiram.

Contudo, quem poderia imaginar que a superpotência ocidental, com todo seu poderio militar, cairia de joelhos frente ao “inexpressivo” povo do pequeno Vietnã? É evidente que diversos argumentos podem ser levantados, como já o foram diversas vezes, afirmando que o Tio Sam não perdeu guerra alguma, mas que, simplesmente, abandonou o campo de batalha ou que a sociedade civil estadunidense acelerou o processo. Mas, em hipótese alguma, os EUA perderam essa guerra!

No entanto, o fato é que quase 60 mil estadunidenses pereceram no campo de batalha, além dos mais de 300 mil feridos e os 21 mil incapacitados de maneira permanente! Isso, sem contar com as vítimas de ex-combatentes em solo estadunidense, devido a surtos traumáticos. Além disso, o Vietnã não só assegurou sua independência, como também se unificou, tornando-se uma nação comunista. Afinal, isso por si só já não se caracteriza como uma grande derrota estadunidense?

Seis anos após a saída dos EUA do Vietnã, em 1973, teve início a “Operação Ciclone”, patrocinada pela CIA, cujo objetivo, além de lutar contra o comunismo, era o de tentar levar a União Soviética a experimentar um conflito semelhante à Guerra do Vietnã, conforme relatou Zbigniew Brzezinski, Conselheiro de Segurança Nacional de Jimmy Carter. Assim, após a invasão soviética no Afeganistão em 1979, os EUA armaram os mujahidins (fig. 2), por meio do serviço secreto do Paquistão (ISI), para que lutassem contra os soviéticos. Tal auxílio angariou, inclusive, a aprovação do bilionário saudita Osama bin Laden que chegou a recrutar membros em outros países, para que se alistassem ao movimento. Mais de 100 mil homens, oriundos de diversos países muçulmanos, foram treinados às expensas do governo estadunidense para esse fim.

Após a retirada da União Soviética do país (1989), o caos instalou-se no Afeganistão, agravado por uma guerra civil, levando ao surgimento de diversos grupos terroristas entre eles o Talibã e a Al-Qaeda que haviam, de algum modo, recebido financiamento dos EUA. Aquele dominaria o país centro asiático, implementando um governo baseado na *sharia*, no tratamento brutal de mulheres, na destruição de livros e de acervos culturais de outras religiões; este expandiu sua atuação para além do Afeganistão, não só se tornando uma organização internacional, como também cometendo diversos atentados pelo mundo, culminando com os ataques de 11 de setembro de 2001 em Nova York.

Interessante perceber como tais grupos acabaram, de alguma maneira, insurgindo-se e rebelando-se contra o próprio *status quo* estadunidense, como o Al-Qaeda, cujo líder foi caçado por quase uma década. No entanto, já em 1998, o antigo Conselheiro de Segurança Nacional foi questionado em uma entrevista se estaria arrependido de ter fornecido armas, dinheiro e treinamento a futuros terroristas. Brzezinski limitou-se a dizer: “O que é mais importante na história mundial, o Talibã ou o colapso do Império soviético? Alguns muçulmanos agitados ou a libertação da Europa Central e o fim da Guerra Fria?”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> <https://dgibbs.arizona.edu/content/brzezinski-interview-2>

Figura 2: O presidente Reagan reunindo-se com mujahidins afegãos na Casa Branca para discutir a invasão soviética do Afeganistão, 1983



Fonte: Foto de Michael Evans, U.S. National Archives and Records Administration

Três anos após a entrevista, dezenove terroristas, os tais “muçulmanos agitados”, sequestraram quatro aviões comerciais lançando-os contra as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York, e contra o Pentágono, em Washington, enquanto um quarto caiu na Pensilvânia durante uma revolta dos passageiros que já sabiam o que estava ocorrendo. Os ataques suicidas mataram mais de três mil pessoas, levando os EUA e seus aliados da OTAN a invadirem o Afeganistão em sua Guerra ao Terror que também se espalhou para a outras regiões do mundo.

Poderíamos aqui citar diversos outros exemplos de apoio dos EUA a determinados grupos e sua sublevação posterior: o Iraque de Saddam Hussein, o Irã pré-Revolução Islâmica, o Líbano, a Síria de Bashar al-Assad, sem contar com o Estado Islâmico, só para permanecermos na mesma região e lapso temporal. Interessa-nos apenas salientar, nos dois casos exibidos anteriormente, como os EUA que se apresentaram como salvadores deram as costas a seus “parceiros” quando a outra parte cobrou a contraparte dos acordos. Isso fica claro no caso de Ho Chi Minh e o Viet Minh: por ser um grupo “inexpressivo”, os estadunidenses desprezaram seu pedido de ajuda contra os franceses, preferindo ficar ao lado de um antigo aliado; mas, no final, também foram arrastados para uma guerra que não era sua e, para piorar, saíram derrotados dela.

Sem emitir juízo de valor em relação à história, percebemos como, em alguns momentos, aqueles que antes eram inexpressivos frente a determinadas potências, conseguiram inverter o jogo do poder. Mas, para que fosse possível essa libertação, um fator foi preponderante: a convergência de tais grupos em torno de sua própria tradição e cultura, enfim de seus objetivos comuns. São essas que

servem de catalisador, mesmo que após sua vitória ajam, muitas vezes, de maneira semelhante a de seus antigos opositores.

### 3 “BACURAU”: A FORÇA DE UMA “RAÇA INFERIOR”?

“Bacurau” pode representar, num primeiro momento, mais um dos diversos filmes que buscaram retratar o sertão nordestino brasileiro, muitos dos quais repletos de clichês. Contudo, a primeira cena já chama atenção: além de um acidente na estrada que levava ao vilarejo, envolvendo um caminhão que transportava caixões, muitos dos quais espalhados na rodovia e um motoqueiro que jazia morto na pista; aparece, de repente, um alerta, via *cell broadcast*, no caminhão-pipa que se dirigia para o povoado. No aviso, uma recompensa era oferecida a quem desse informações sobre um foragido da polícia, Lunga.

Tais cenas rompem, de certa maneira, com ideias estereotipadas e propagadas, de modo especial, pela televisão que insiste em perpetuar uma visão simplista e preconceituosa da região. Ao focar apenas na pobreza, na seca, na fome, na miséria, tais mídias não só moldaram, de uma maneira pejorativa e caricata, o acervo iconofotológico de parte do país, como também reforçaram a ideia de desventura absoluta na região. Nesta se encontram apenas retirantes em desespero, cercados de cortejos fúnebres, cujos mortos são carregados em redes<sup>6</sup> (fig. 3), acompanhados de gente letárgica, fraca e ingênuo. No entanto, tal construção mascara diversas outras características resilientes dessa gente que não se entrega, tão facilmente, à hostilidade do local.

Figura 3: Enterro em rede no interior do Brasil nos anos 1970



Fonte: Foto de Chico Karam

<sup>6</sup> Como toda construção imagética, essa também tem origens em fatos, mesmo que de maneira isolada, revelando uma realidade para os mais pobres. Caixões, por exemplo, era artigo de luxo para muitas famílias, a ponto de serem emprestados por algumas prefeituras para que pudessem levar seus entes queridos ao cemitério, mas devolvidos depois, para que se realizassem outros cortejos. Tal imagem também foi retratada na literatura, como é exemplificado na obra de João Cabral de Melo Neto, “Morte e Vida Severina”.

Apesar de a ideia da morte já estar duplamente representada na cena – pelo motoqueiro e pelos caixões –, acaba sendo reforçada, quando uma das personagens, Teresa, que vinha de carona no caminhão-pipa, chega ao vilarejo, para o velório de sua avó. Matriarca de uma grande família que, ao longo de seus 94 anos, tornou-se querida pela população local a qual compareceu, em peso, a seu funeral.

Voltando à questão dos estereótipos, Dona Carmelita, por exemplo, morre de velhice, não de fome ou decorrente da pobreza, deixando não só uma família numerosa, inserida em diversos extratos sociais, como também incontáveis amigos. Percebe-se, ao redor de seu féretro, um dos pontos mais valorizados para aquela gente: seu senso de pertencimento.

O vilarejo, portanto, torna-se a imagem autêntica da miscigenação brasileira, verdadeiro oásis social onde questões “raciais”, de gênero, ou as escolhas e aspectos individuais pouco importam: no mesmo espaço há pretos, brancos, mestiços, prostitutas, heteros e homossexuais, crentes e não crentes convivendo de maneira harmônica entre si, um dependendo do outro. Reside, exatamente, nessa relação simbiótica e plural, sua força.

Euclides da Cunha (1998), apesar de ser um homem de seu tempo e tendo absorvido muitas das teorias raciais do século XIX, retrata o sertanejo, em “Os sertões”, da seguinte maneira:

O sertanejo é, antes de tudo, **um forte**. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. (Cunha, 1998, p. 105, grifo meu)

Não obstante o fato de não ser uma gente letárgica, fraca e, possivelmente, ingênua, há um outro aspecto tratado pelo autor de “Os sertões”. Apesar dos elogios ao sertanejo a quem acompanhou *in loco* em Canudos, Euclides da Cunha demonstra também estar alinhado às ideias raciais de seu tempo quanto a um quesito: o padrão de beleza estabelecido no período. Não à toa diz que o sertanejo

É desgracioso, desengonçado, torto. **Hércules-Quasímodo**, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. (Cunha, 1998, p. 105, grifo nosso)

Se na força é um Hércules, no quesito beleza é um Quasímodo, personagem principal do romance de Victor Hugo, “O corcunda de Notre Dame”, afinal foge ao padrão estabelecido no período, ou seja, não eram brancos, nem puros, conforme ditavam as diversas teorias racistas daquele período. Tais ideias, acerca não só de “raça”, como também da supremacia e da beleza da branca sobre as

demais, cientificamente insustentáveis nos dias de hoje, popularizaram-se, naquela época, com o “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas” de Gobineau (1915) que diz:

Já observei que os grupos humanos aos quais pertencem as nações europeias e seus descendentes são os mais belos. Basta comparar os vários tipos de homens espalhados pela superfície da Terra para se convencer disso. Do rosto e da estrutura quase rudimentares dos pelagianos e dos *pecherays*<sup>7</sup> à figura alta e nobremente proporcionada de Carlos Magno, à regularidade inteligente das feições de Napoleão e à majestade imponente que exala do semblante real de Luís XIV, há uma série de gradações; os povos que não são de sangue branco se aproximam da beleza, mas não a alcançam (Gobineau, 1915, p. 150-151, tradução nossa).<sup>8</sup>

Assim, para esse autor, todos que não correspondessem a esse padrão específico nunca poderiam ser chamados de “belos”, no máximo poderiam apenas chegar a isso:

Aqueles que são mais próximos de nós chegam mais perto da beleza; tais são as linhagens arianas degeneradas da Índia e da Pérsia, e os povos semitas que são menos infectados pelo contato com a raça negra. À medida que essas raças se afastam do tipo branco, suas feições e membros tornam-se de forma incorreta; eles adquirem defeitos de proporção que, nas raças que nos são completamente estranhas, acabam produzindo uma extrema feiura (Gobineau, 1915, p. 150-151, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Interessante perceber que o autor, apesar de excluir todos os povos não europeus, como os semitas hebreus, de seu padrão de beleza, busca corroborar suas ideias supremacistas, empregando o mítico Adão como a origem da chamada “raça branca”:

Devemos, é claro, reconhecer que Adão é o ancestral da raça branca. As escrituras evidentemente devem ser assim entendidas, pois as gerações derivadas dele são certamente brancas. Admitindo isso, não há nada que demonstre que, na visão dos primeiros compiladores das genealogias adamitas, aqueles de fora da raça branca fossem considerados parte da espécie (Gobineau, 1915, p. 118, tradução nossa).<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> Segundo "Narrative of the surveying voyages of his majesty's ships Adventure and Beagle", de 1839, esse povo é descrito da seguinte maneira: “Ao redor das partes centrais do Estreito de Magalhães há uma pequena e muito miserável horda, cujo nome eu não sei. Sua exclamação usual é ‘Pecheray, Pecheray!’, por isso Bougainville e outros os chamavam de Pecherais. Por falta de um termo mais adequado, usarei aqui a mesma palavra. O número de adultos entre eles é de cerca de duzentos.” (NARRATIVE, 1839, p. 132)

<sup>8</sup> *I have already observed that the human groups to which the European nations and their descendants belong are the most beautiful. One has only to compare the various types of men scattered over the earth's surface to be convinced of this. From the almost rudimentary face and structure of the Pelagian and the Pecheray to the tall and nobly proportioned figure of Charle Magne, the intelligent regularity of the features of Napoleon, and the imposing majesty that exhales from the royal countenance of Louis XIV, there is a series of gradations; the peoples who are not of white blood approach beauty, but do not attain it.*

<sup>9</sup> *Those who are most akin to us come nearest to beauty; such are the degenerate Aryan stocks of India and Persia, and the Semitic peoples who are least infected by contact with the black race. As these races recede from the white type, their features and limbs become incorrect in form; they acquire defects of proportion which, in the races that are completely foreign to us, end by producing an extreme ugliness.*

<sup>10</sup> *We must, of course, acknowledge that Adam is the ancestor of the white race. The scriptures are evidently meant to be so understood, for the generations deriving from him are certainly white. This being admitted, there is nothing to show*

Se tais teorias soam absurdas em nossos dias, a obra de Gobineau, publicada originalmente em 1855, foi amplamente utilizada em sua época. Além de afirmar a beleza e a superioridade dos brancos sobre os demais, o francês procura demonstrar que a mistura entre as “raças” humanas sempre é ruim, de modo especial para a “espécie” mais forte, a branca segundo ele, que perde suas principais características: a força, a inteligência e a beleza:

Tanto as qualidades boas quanto as más diminuem de intensidade com a repetida mistura de sangue; mas também se dispersam e se separam, e frequentemente se opõem mutuamente. A raça branca originalmente possuía o monopólio da beleza, da inteligência e da força. Por sua união com outras variedades, foram criados híbridos, que eram belos sem força, fortes sem inteligência ou, se inteligentes, fracos e feios. [...] Cada estágio de uma mistura perfeita produz um novo tipo a partir de elementos diversos e desenvolve faculdades especiais. Assim que novos elementos são adicionados, a vasta dificuldade de harmonizar o todo cria um estado de anarquia. Quanto mais isso aumenta, mais até mesmo as melhores e mais ricas das novas contribuições diminuem de valor e, por sua mera presença, alimentam um mal que não podem abater (Gobineau, 1915, p. 209-210, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Ideia “científica” empregada também por Adolf Hitler (2001) que, em seu “*Mein Kampf*” no segundo decênio do século XX, diz:

[A natureza] pouco deseja a associação individual dos mais fracos com os mais fortes, ainda mais a fusão de uma **raça** superior com uma inferior. Isso se traduziria em um golpe quase mortal dirigido contra todo o seu trabalho ulterior de aperfeiçoamento [...]. Inúmeras provas disso nos fornece a experiência histórica. Com assombrosa clareza ela demonstra que, em toda mistura de sangue entre o Ariano e povos inferiores, o resultado foi sempre a extinção do elemento civilizador. (Hitler, 2001, p. 212, grifo meu)

Não tardaria e o ideal eurocêntrico e branco se tornaria também racial e supremacista, de tal maneira que a cultura de países como os EUA ainda hoje confunde a ideia fenotípica com a “racial”: não importa o quanto a pessoa aparenta ser branca, se não for de origem europeia, diga-se anglo-saxã, não se enquadra no modelo.

Imagem bem distinta daquela retratada pela população de Bacurau (fig. 4), cujo fenótipo não segue um padrão único, como o da (pseudo) “raça ariana”, criada por Gobineau e largamente propagada por Hitler. Dessa maneira, aquelas pessoas, segundo ambos, não passariam de uma “raça

---

*that, in the view of the first compilers of the Adamite genealogies, those outside the white race were counted as part of the species at all.*

<sup>11</sup> *The good as well as the bad qualities are seen to diminish in intensity with repeated intermixture of blood; but they also scatter and separate off from each other, and are often mutually opposed. The white race originally possessed the monopoly of beauty, intelligence, and strength. By its union with other varieties, hybrids were created, which were beautiful without strength, strong without intelligence, or, if intelligent, both weak and ugly. [...] Each stage of a perfect mixture produces a new type from diverse elements, and develops special faculties. As soon as further elements are added, the vast difficulty of harmonizing the whole creates a state of anarchy. The more this increases, the more do even the best and richest of the new contributions diminish in value, and by their mere presence add fuel to an evil which they cannot abate.*

inferior”, já que é, profundamente, miscigenada. Por isso, sua afirmação de que a miscigenação seria “um golpe quase mortal dirigido contra todo o trabalho ulterior de aperfeiçoamento” racial efetuado pela natureza, não passava de uma reconstrução de um modelo social que visava não apenas a oprimir determinados povos com uma justificativa “científica”, mas também de escravizá-los ou mesmo aniquilá-los para o benefício de um determinado grupo social.

Diferentemente do que é propagado por supremacistas, convém sempre lembrar que o conceito de “raça” não se emprega mais para seres humanos, visto que todos pertencemos à mesma espécie, *Homo sapiens sapiens*, ou seja, não existem “raças” humanas, mas pequenas variações fenotípicas que representam uma fração genética muito pequena<sup>12</sup>. Nessa mesma linha podemos tecer comentários a respeito da *admixture* – miscigenação entre pessoas de origens diferentes – que, diferente do difundido naquele período, torna-se uma vantagem não apenas em termos genéticos – aumentando a variabilidade do DNA, logo a diversidade alélica –, como de saúde, já que se reduz não só a chance de doenças genéticas recessivas, ao se reduzir a endogamia, como também fortalece o sistema imune. Isso já estava claro, por exemplo, no cruzamento de animais e plantas por meio da heterose, quando se observa uma maior robustez física e resistência a determinadas doenças.

Dessa maneira, a suposta superioridade racial vigente ainda em determinadas partes do mundo, como nos EUA com os supremacistas brancos, ou mesmo no Brasil em núcleos coloniais do sul do país, não tem a mínima razão de ser, pelo menos sob o ponto de vista biológico. No entanto, Hitler (2001) ao abordar o continente americano afirma:

A **América do Norte**, cuja população [...] se compõe de elementos germânicos, que só muito pouco se misturaram com povos inferiores e de cor, apresenta outra humanidade e cultura do que a **América Central** e do **Sul**, onde os imigrantes, quase todos latinos, se fundiram [...] com os habitantes indígenas. Bastaria esse exemplo para fazer reconhecer clara e distintamente, o efeito da fusão de raças. O germano do continente americano elevou-se até a dominação deste, por se ter conservado mais puro e sem mistura; ali continuará a imperar, enquanto não se deixar vitimar pelo pecado da mistura do sangue. (Hitler, 2001, p. 212-213, grifo nosso)

---

<sup>12</sup> Richard Lewontin, já em 1972, havia concluído que a maior parte da variação genética humana ocorre dentro dos grupos humanos, não entre eles. Isso por si só já derrubaria a ideia de que haja **raças** humanas biologicamente distintas como se apregoavam as teorias eugenistas dos séculos XIX e XX.

Figura 4: Enterro de Dona Carmelita



Fonte: cena de “Bacurau”, 2019

Segundo Hitler, portanto, a população de Bacurau, situada na América do Sul, fruto da miscigenação do branco com “pessoas de cor” e indígenas, logo com “povos inferiores”, está fadada ao fracasso e à dominação por parte dos “mais puros e sem mistura”, como aqueles que vêm da América do Norte. Isso fica ainda mais claro quando se percebe que se está diante de pessoas “abatidas”, “displicentes”, cuja aparência é de uma “humildade deprimente”, segundo as palavras de Euclides da Cunha (1998). No entanto, engana-se quem os enxerga assim; já que, empregando as mesmas palavras do autor de “Os sertões”, “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”, apesar de sua aparência revelar, num primeiro momento, o contrário.

A interdependência verificada em Bacurau já se mostra clara quando, cada forasteiro que chega às portas do vilarejo, os moradores são informados, via celular e replicado na rádio/alto-falante, para que seus moradores ficassem alerta. Tal aviso garantia a segurança do local, acolhendo aqueles que interessavam a coletividade e rechaçando os desconhecidos. Tem-se aqui, mais uma vez, algo que será muito empregado ao longo do filme: a relação entre passado, presente e futuro, ao nos transportar, a esta que será uma das figuras centrais da dinâmica do cangaço no final do século XIX e início do XX: os “coiteiros”.

Estes foram indispensáveis para que figuras como Cabeleira, Antônio Silvino e Lampião obtivessem sucesso no sertão, já que sem essa ajuda seria muito difícil a vida naquela região inóspita.

Eram eles que garantiam os víveres, a munição e informações estratégicas, como a movimentação das volantes<sup>13</sup> que os caçavam.

Já em 1876, Franklin Távora, em “O Cabeleira”, narra a história de um bandido do século XVIII, germinação do que seria o cangaço, utilizando a ficção para investigar as raízes da violência na região. Há, no romance, essa relação simbiótica entre a personagem principal, José Gomes, o Cabeleira, e o taberneiro Timóteo que testemunhou todas as transformações do bandido, a ponto de o rapaz ter “escolhido para seu ponto de operações contra a vila a taverna dos Afogados. Esta taverna passara a ser um como entreposto onde ele depositava o que roubava com o pai [...]” (Távora, 1988, p. 26)

Em muitas localidades, algumas dessas pessoas viam nos cangaceiros uma forma de resistência contra abusos de coronéis, jagunços ou autoridades policiais corruptas, por isso além dos chamados “coiteiros” fixos, havia aqueles que, devido à admiração pelo bandido, buscavam sempre mantê-lo informado das movimentações das volantes no local:

No dia seguinte, muito cedinho, um cavaleiro esbarrou na vendola de Timóteo e, saltando em terra e batendo com alguma precipitação na porta, perguntou para dentro:

— Ainda está dormindo, seu Timóteo?

— Quem é você? — interrogou o vendeiro em resposta à pergunta que deixamos repetida.

— Abra a porta sem demora, que tenho que lhe dizer.

O recém-chegado era um crioulo alto, magro, de boa cara e de jeitos e meneios que revelavam extrema benevolência.

— Olhe, seu Timóteo; ouça-me cá. Eu sei que em sua casa está o Cabeleira com o pai e o Teodósio; e por isso corri a avisá-los. **Uma tropa vem já do Recife para prendê-los.** Diga a eles que se metam na capoeira enquanto é tempo.

[...]

— Homem, não posso deixar de lhe agradecer seu aviso.

— Não tem que me agradecer. Eu quis fazer este serviço ao próprio Zé Gomes; com o pai pouco me importa, que, aqui entre nós, é muito descortês e desaforado. [...] (Távora, 1988, p. 32, grifo nosso)

Convém salientar que nem sempre o coiteiro, no cangaço, tinha como motivação apenas simpatia ou admiração, como no excerto acima, já que muitos eram coagidos sob ameaça, enquanto outros agiam por “interesse econômico”, como o taberneiro acima descrito que “viera associar-se-lhes nos perigos e nos **proveitos**” (Távora, 1988, p. 26, grifo nosso), recebendo pagamento ou parte dos saques.

Diferentemente do que se observa em Bacurau, já que para aquela comunidade, não é apenas questão de segurança e sobrevivência, mas de reivindicar seu direito, ou não, a quaisquer

---

<sup>13</sup> Nome dado à polícia no local, conforme o próprio Franklin Távora afirma em: “cada capitão-mor tratou de levantar a **milícia volante**, a qual foi formada dos indivíduos solteiros maiores de vinte e menores de quarenta anos.” (TÁVORA, 1988, p. 89)

manifestações. A cena da entrada do prefeito no povoado, fazendo campanha política, é emblemática, pois diante de sua aproximação, o povo, antecipadamente avisado, fez questão de evadir-se para não ter o desprazer de vê-lo. Demonstrando, mais uma vez, que não aceita a colocação de jugo ou de cabresto, tão aventado quando se fala de regiões do Nordeste brasileiro.

A cena mostra, claramente, a antipatia da população de Bacurau em relação a Tony Júnior, o prefeito, e deste em relação àquela, fato que se intensificou quando o prefeito corta a água do povoado. Provavelmente, queria punir a comunidade devido a sua ousadia de querer permanecer como seres pensantes e não meros autômatos, além de ganhar dividendos políticos por sua religião. É nesse contexto que surge, em meio daquela população desprezada pelas autoridades, alguém que parte para ação: Lunga.

Este seria a encarnação da belicosidade da região tão bem retratada no museu da cidade, sua própria versão do cangaço, caracterizado como fenômeno de banditismo social, ocorrido no semiárido nordestino entre os séculos XIX e XX. O movimento pode ser, historicamente, interpretado de duas maneiras: ou como mera criminalidade ou como uma forma de revolta social contra a opressão dos coronéis e o abandono do Estado. Algo percebido em Bacurau, quando o Estado, representado por Tony Júnior, provável “coronel” da região, oprime sua população para manter seu poder e obter vantagens eleitorais.

No entanto, o prefeito percebe que a região já não lhe pertence mais, deixando de ser sua área de influência, apesar de estar em seu “curral”, algo inadmissível para pessoas como ele. Deve-se perceber que a presença de “Júnior” no sobrenome de Tony, demonstra não só pertencer a um grupo social “distinto”, caracterizado por seu nome, como também ser sua continuidade.

O historiador Eric Hobsbawn (2005), em sua obra “Bandidos”, afirma que:

o poder e a influência do chefe de tal família repousa no número de homens que ele tem a seu serviço, oferecendo proteção e recebendo, em troca, aquela lealdade e aquela dependência que são a medida de seu prestígio e, conseqüentemente, de sua capacidade de estabelecer alianças: comanda assim as lutas armadas, as eleições ou o que mais leva ao poder local. Quanto mais atrasada a região, e quanto mais remotas, débeis ou desinteressadas as autoridades superiores, tanto mais vital será na política local [...] essa capacidade de um magnata ou “coronel” para mobilizar “sua” gente. Se ele contribuir com suficientes espadas, carabinas ou votos no cálculo da política local, não precisa sequer ser rico, no sentido em que se define a riqueza em regiões prósperas e economicamente adiantadas. (Hobsbawn, 2005, p. 110)

Percebe-se que Tony dirige-se ao povoado para fazer aquilo que todo político faz, de tempos em tempos, em época de eleição: mostrar que ele se preocupa com sua população! Para isso leva donativos (esmolas) para aquela comunidade: alimentos (muitos dos quais vencidos), remédios (tarja preta, para deixar a população “lesada”) e livros.

No entanto, o prefeito demonstra sua impaciência pelo atrevimento daquela gente que, escondida para não vê-lo, grita de suas casas para que ele liberasse seu bem mais precioso: a água. Apesar das dificuldades, eles têm consciência do jogo político, e é, exatamente, isso que incomoda o “coronel” da região que não consegue enxergar submissão e gratidão naquelas pessoas.

Figura 5: Livros doados/despejados pelo prefeito à biblioteca da cidade



Fonte: “Bacurau”, 2019

Ao perceber que a população não o receberá, vemos uma das cenas mais impactantes do filme, devido a simbologia que traz: um caminhão basculante despeja livros junto ao muro da escola local. Estes sequer estão acondicionados em caixas para demonstrar que são novos, afinal não há a menor preocupação do prefeito com o saber e conhecimento da população. Os livros, amontoados em sua caçamba como lixo descartável, são despejados dessa maneira na rua. (fig. 5) A cena é impactante, de modo especial para aqueles que veem na educação a única maneira de se modificar a sociedade, mas deixa claro não só o descaso das autoridades para com a educação, mas com seu acesso à população.

A única preocupação do prefeito era que se filmasse o evento “benéfico”, reforçando a ideia de que a educação e a cultura não têm a menor importância para Tony. Este, como muitos governantes, precisa apenas de imagens para demonstrar sua benevolência, daí sua preocupação com o registro de seu ato benemérito.

É nesse contexto que Hobsbawm (2005) compreende a inserção do cangaceiro como uma figura que, embora fora da lei, encarna em si uma forma de protesto e de justiça para populações oprimidas, daí a construção de sua imagem como herói. Esta acaba sendo, amplamente, difundida na cultura popular, transformando figuras como Lampião, ou Lunga em “Bacurau”, em verdadeiros mitos de resistência ao *status quo*.

Se Lunga é considerado um bandido é porque não aceitou, assim como o vilarejo, o fato de ser tratado como pessoa de segunda classe, de terem tido cerceados seus direitos básicos, como o acesso à água, ou mesmo a sua existência. Isso porque o vilarejo foi, literalmente, retirado do mapa, para que sua existência fosse totalmente apagada.

#### **4 ABERTA A TEMPORADA DE CAÇA**

Se havia uma antipatia recíproca entre a população de Bacurau e as autoridades locais na figura de seu prefeito, Tony Júnior aproveita a abordagem de estrangeiros não só para os alocar na região, como também para que realizassem um safári ali.

A partir desse momento, fatos estranhos quebram a rotina pacata do local que não passam despercebidos pela população do povoado: o caminhão-pipa cravado de balas, um drone disfarçado de disco voador voando pelo local, cavalos soltos que cruzam o povoado à noite.

Um acontecimento, porém, acende o alerta da comunidade: dois motoqueiros, cujas roupas lembram as de trilheiros, dirigem-se ao vilarejo e estão “de capacete”, algo fora dos padrões daquele lugar. Os coiteiros, portanto, ao denunciar a presença dos forasteiros, fazem com que o povo da localidade ficasse em alerta.

Ambos chegam ao local (fig. 6), entram em um mercadinho, para minimizar o incômodo daqueles olhares perscrutadores das pessoas ali presentes, pedem uma cerveja e uma água com gás. A função dos desconhecidos era uma só: instalar um dispositivo no local para cortar o sinal de celular da região, bem como fotografar as ruas do vilarejo. Dessa maneira, não só se isolava o povoado para o que estava por vir – o início do safári, cujas vítimas seriam os próprios moradores de Bacurau –, como também dava aos caçadores informações privilegiadas do local.

No diálogo que se trava a partir desse momento, a dona do local, Luciene, pergunta: “Vocês vieram conhecer o museu? [...] É bom esse museu”. Os motoqueiros, mais preocupados em encontrar um local para instalar o dispositivo de bloqueio, disseram estar fazendo uma trilha, mas que desconheciam aquele lugar, já que não constava no mapa. A motoqueira, tentando mostrar-se simpática, apesar de evidenciar um ar de superioridade em relação àquela gente, pergunta: “Quem nasce em Bacurau é o quê?” Quando é, prontamente, respondida por uma criança: “É gente”. Resposta muito significativa, de modo especial, em relação aos fatos que se seguirão.

Figura 6: Motoqueiros desconhecidos chegam ao povoado



Fonte: “Bacurau”, 2019

Teresa, que passava pelo local, ao ver os dois forasteiros faz a mesma pergunta da vendeira: “Vieram visitar o museu?” Como os forasteiros responderam negativamente, ela insiste mais uma vez: “Não querem visitar, não?” Tamanha insistência não era sem motivo, pois a chave para se conhecer aquele local e sua gente era, exatamente, aquele repositório da cidade. Mais que um local pitoresco e insignificante, mero “depósito” de artefatos inúteis, representava um espaço vivo e funcional para aquelas pessoas, onde repousava a expressão de sua tradição, cultura e belicosidade. O museu não continha apenas objetos, fotografias ou indumentárias de couro, como também armas que contavam a história daquele povo que sempre precisou lutar para sobreviver em meio às adversidades. Representava, portanto, o guardião de sua própria identidade, o qual servia de catalizador diante das turbulências.

Se para os forasteiros e invasores, o espaço não representava nada, afinal não conseguiam enxergar importância alguma naquela gente, considerada inferior, por extensão tudo o que se referisse a ela também seria sem importância, como seu “decrépito” museu. Tal percepção, porém, revela a arrogância do conquistador que é incapaz de ver valor ou perigo naqueles que consideram inferiores, mas apenas objetos de exploração, opressão ou diversão.

Concluída a missão, os motoqueiros dirigem-se para a base de operações na Fazenda Talhado. No caminho, porém, encontraram Flávio e Maciel que haviam ido à Fazenda Tarairu levar alguns dos cavalos que haviam fugido para a cidade. Ao chegar lá, presenciaram o resultado de uma grande chacina: a família do senhor Manuelito, o fazendeiro, bem como seus funcionários haviam sido todos assassinados. Os forasteiros, porém, ao ver os dois rapazes ali, perguntam se eles estavam vindo do

local e se tinham celular. Com medo, estes disseram àqueles que já haviam avisado à cidade da barbárie ocorrida no local...

Há, nesta cena, um ponto de virada na trama. Os forasteiros ao executarem os dois rapazes, acreditavam que estavam agindo a favor dos estrangeiros que os contrataram, afinal como haviam presenciado o massacre daquelas pessoas, logo seriam cúmplices daqueles crimes. No entanto, a reação de seus contratantes foi bem diferente. Ao chegarem à base de operações do safári, os forasteiros revelaram ser uma das mais nefastas figuras ainda presentes na sociedade brasileira: a dos traidores da Pátria.

Estes não se contentam apenas em falar mal do Brasil, menosprezando seu país, como também em criticar seus próprios compatriotas, especialmente os de outras regiões ou aqueles considerados “inferiores”. Como se consideram “superiores”, vendem-se a nações estrangeiras para que estas dominem a sua própria nação, acreditando que terão benesses em um novo regime, devido a sua pretensa “superioridade racial” ou a seu *status* social.

Tal fato remete àquilo que ocorreu na Ucrânia durante a Segunda Guerra Mundial, quando parte de sua população não só apoiou, como também compactuou com os crimes nazistas na região. Apesar de serem eslavos, logo segundo a cartilha de Hitler, considerados “inferiores”, queriam acreditar que eram vistos como semelhantes pelas autoridades do *Reich*. Dessa maneira, não só “caçaram”, como também auxiliaram na eliminação de judeus e outros povos considerados indesejáveis, como ciganos e russos, em Babi Yar, Kolky, Lviv, Lutsk, Zhytomy.

De maneira semelhante, na reunião que antecedeu o início do safári em Bacurau, tal seria a posição daqueles dois brasileiros (sudestinos) em conversa com os estrangeiros. Aqueles sabiam que a intenção destes era a total eliminação de seus compatriotas, afinal foram contratados para isto: dar o suporte necessário para o início daquele jogo macabro. Tinham tanta certeza de sua superioridade frente aos moradores de Bacurau, que se achavam semelhantes aos estrangeiros, logo estariam a salvo daqueles caçadores:

CHRIS Os que vocês mataram, eles eram amigos ou algo do tipo?  
FORASTEIRO Amigos? Não... não atiramos em amigos no Brasil... Não somos dessa região.  
WILLY Então, vocês são de onde?  
FORASTEIRO A gente é do sul do Brasil. Uma região muito rica. Com colônias alemãs e italianas. **Somos mais como vocês.** (Mendonça Filho, 2020, s/p, grifo nosso)<sup>14</sup>

<sup>14</sup> CHRIS: *The two you shot... were they your friends, or something?* / FORASTEIRO: *Friends? No ... we don't shoot friends in Brazil... We come from a different region.* / WILLY: *So, where do you come from?* / FORASTEIRO: *We come from south of Brazil. A very rich region with German and Italian colonies... More like you guys!*

Ocorre aqui um choque de realidade, nem sempre percebido, já que segundo nossos padrões (bem como os científicos!), ser “branco” seria, *a priori*, apenas uma variação fenotípica, não um indicativo racial, muito menos um que denote superioridade sobre os demais. Algo bem diferente de como muitos estadunidenses enxergam esse conceito “racial”, assim como alguns brasileiros:

WILLY            **Mais como a gente?** Mas nós somos brancos, **vocês não são brancos**. Eles são brancos?  
TERRY            Eles estão mais para mexicanos brancos. **Ela parece branca, mas não é branca**. Os lábios e nariz entregam.  
KATE              É... estão mais pra latinos.  
FORASTEIRA      Por que dizem isso?  
JULIA              Eu acho ele um latino bonitão.  
CHRIS              Parem com isso, vocês, isso é bullying. (Mendonça Filho, 2020, s/p, grifo nosso)<sup>15</sup>

Os forasteiros, ao bajularem os estrangeiros assassinando seus compatriotas, tentavam encobrir os crimes de seus contratadores e receber os louros por seu ato. No entanto, foram duramente censurados:

MICHAEL        Me diz uma coisa, “amigo”... Por que vocês atiraram naquelas pessoas?  
FORASTEIRO      Me desculpe, mas... Eu fiz o que fiz porque eles iriam falar por aí.  
FORASTEIRA      Eles mentiram pra gente, disseram que tinhamvligado para pedir ajuda e sabíamos que não era verdade.  
JULIA              A questão é que vocês vieram aqui pra trabalhar pra gente, não pra roubar nossas mortes.  
MICHAEL        Sim, vocês fizeram um bom trabalho, encontraram um cu de mundo inofensivo de que ninguém vai sentir falta, ajudaram com a logística, com informação, vocês trabalharam bem. Mas não era pra vocês, tipo, matarem ninguém. Vocês agora são assassinos.  
FORASTEIRA      Bem, matamos os dois caras para ajudar a nossa missão.  
KATE              “Nossa” missão?  
FORASTEIRA      Bem, eu vi o que aconteceu na fazenda. Cinco, seis mortos, nós só ajudamos... (Mendonça Filho, 2020, s/p)<sup>16</sup>

Interessante perceber as inversões éticas que existem na trama: quem afinal é o civilizado, aquele que mata para encobrir assassinatos, nos quais têm uma cúmplice participação, ou aquele que caça e mata apenas pelo prazer, mas com a desculpa de que não emprega armas atuais, ou de que é superior ao povo caçado? Que se pode dizer do fato de que aquilo que chamamos **Lei** ser, exatamente, seu oposto, ou seja, sua total ausência? Isso fica claro, quando Michael diz possuir “documentos que

<sup>15</sup> WILLY: *More like us? But we're white, you ain't white. Are they white?/ TERRY: They look like white Mexicans really. She looks white, but she ain't white. Her nose and her lips give it away./ KATE: Yeah, more latino like./ FORASTEIRA: Why do you say that?/ JULIA: I think he's a handsome latino guy./ CHRIS: Come on, guys, knock it off, this is bullying!*

<sup>16</sup> MICHAEL: *So, “Amigo”, why did you shoot those people?/ FORASTEIRO: I'm sorry but... I did what we did because they would talk./ FORASTEIRA: They lied to us, they said they had called people and d we knew they did not./JULIA: Our point is, you came here to work for us, not to get our kills./ MICHAEL: Yeah, you've done a good job, finding this little harmless shit-hole town, helping with logistics, intelligence, you've done well. But you were not supposed to... you know, killed people. My point, now you are murderers./ FORASTEIRA: Well, we killed those two men to help our mission./ KATE: Our mission?/ FORASTEIRA: Yeah, well, I saw what happened at the farm. Five, six dead, we just helped...*

provam que eles não estariam naquele local”, ou seja, tal afirmação baseia-se nas leis locais, asseguradas pelo alcaide da cidade:

MICHAEL Não, não, não... vocês são prestadores locais, que mataram dois da sua gente. Veja bem, tecnicamente, não estamos nem aqui.  
FORASTEIRA Mas vocês estão aqui.  
MICHAEL Eu tenho documentos que provam que nós não estamos aqui...  
JOSHUA É muito diferente. Não usamos armas modernas, só usamos armas vintage.  
(Mendonça Filho, 2020, s/p)<sup>17</sup>

Assim, os forasteiros/brasileiros do sul por não fazerem parte da “raça superior” não poderiam, em hipótese alguma, ter pensamentos e atitudes próprias, como eliminar aqueles que poderiam, eventualmente, denunciar aqueles crimes. Isso é indiscutível para os estrangeiros que se incomodaram por perder pontos, já que não foram eles que mataram aqueles dois.

Como já haviam cumprido a missão para a qual foram contratados, chegou o momento do descarte. O desfecho não poderia ser diferente: todos os estrangeiros, com exceção de Kate que estava sem sua arma no momento, atiram nos brasileiros que caem. Após a execução, a preocupação dos caçadores é apenas uma: quem havia recebido os pontos resultantes daquela execução? Decidem, por fim, que Michael e Julia haviam sido os felizardos.

Eis o fim dos traidores que tiveram a esperança, por alguns momentos, de acreditar que seriam semelhantes àqueles “brancos” estadunidenses! Aqueles, porém, não perceberam que, assim como a história nos demonstrou diversas vezes – no Vietnã, no Afeganistão, na Síria e em diversos outros locais do mundo –, os “inferiores” apenas servem para satisfazer os interesses dos dominadores até chegar o momento de serem, simplesmente, descartados.

Por mais absurda que seja essa conclusão, até mesmo Hitler (2001) já havia exteriorizado isso em sua obra “*Mein Kampf*”, como visto anteriormente quando afirmou que os “brancos germânicos” na América do Norte dominariam o continente apenas se conservassem seu sangue “sem mistura” (p. 213), bem diferente do que ocorrera com dos latinos que “se fundiram [...] com habitantes indígenas.” (p. 212)

## 5 INSTINTO DE CAÇA E EVOLUÇÃO HUMANA

Aquilo que se segue no filme poderia se revelar um verdadeiro *thriller* de horror. No entanto, podemos nos perguntar: haveria algum embasamento científico para as cenas apresentadas em

---

<sup>17</sup> MICHAEL: No, no, no, no... you are foreign nationals who killed two of your own people. You see, technically, we are not here./ FORASTEIRA: But you are here/ MICHAEL: I have documents that proves that we are not here.../ JOSHUA: It's completely different. We only use vintage firearms.

“Bacurau”, ou tudo não passaria de mera fantasia da produção e dos diretores? Para responder a essa questão, convém que analisemos, aquilo que já havíamos inferido no início deste artigo que é a interrelação entre força e dominação que podem gerar ora a predação/caça, ora a agressão/violência.

O instinto de caça é um comportamento inato presente em diversas espécies animais, mas que também desempenhou um papel crucial na evolução da espécie humana, afinal nossos ancestrais dependiam não só da coleta de frutos, como também da caça para sua sobrevivência. Convém perceber que, diferentemente de outras espécies que possuem garras e dentes afiados, nós não possuímos, por isso precisamos desenvolver habilidades complexas que servissem de auxílio nessa empreitada, como o uso de ferramentas e a elaboração de estratégias de caça em grupo. Tais fatores tornaram-se determinantes para o sucesso da espécie humana na competição por recursos com outras espécies.

Figura 7: Cena de uma caçada, Cova dos Cavalos



Fonte: Reprodução no Museu de Valltorta, Espanha  
Foto de Joanbanjo, 2013

O instinto de caça, portanto, mais que um comportamento de subsistência, tornou-se uma intrincada rede de habilidades físicas e mentais que foram se aprimorando ao longo da evolução humana (fig. 7). Ela não só envolvia a capacidade de detectar, perseguir, capturar e empregar táticas para maximizar seu sucesso, como também estava associada ao prazer proporcionado pela sobrevivência e pela satisfação da conquista.

Para que possamos compreender a conduta observada nos caçadores em “Bacurau”, de modo especial, em relação ao prazer de participar naquele jogo mórbido, devemos compreender a diferença entre a mera “agressão” e a “predação”. Embora distintas, ambas compartilham raízes psicológicas e

evolutivas complexas, sendo que aquela refere, em um contexto geral, a comportamentos que visam a causar dano se ou prejuízo; enquanto esta, no reino animal, é o ato de caçar e matar um outro ser para alimentação. No entanto, quando aplicada ao comportamento humano, a predação pode assumir um significado mais amplo, englobando a exploração e o controle de outros indivíduos para benefício próprio.

Do ponto de vista psicológico, diversos teóricos buscaram, ao longo do tempo, explicar esse fenômeno nos seres humanos. Temos, por exemplo, William James e William McDougall<sup>18</sup>, no século XIX, que sugeriram que o comportamento humano é impulsionado por instintos biológicos inatos. Aquele, por exemplo, identificou emoções como medo, raiva, amor e vergonha como instintos que moldam o comportamento; este, por sua vez, completou a lista<sup>19</sup>.

Apesar de a caça não ter sido listada, diretamente, por McDougall como um instinto fundamental e separado, tal comportamento não se manifesta de forma pura e simples, mas por meio de combinações, modificações e adaptações de outros instintos básicos, como a busca por alimento, a curiosidade, a pugnacidade (que leva à agressividade para subjugar uma presa) e a aprendizagem. Embora tenha uma base instintiva relacionada à sobrevivência, o comportamento de caça é visto como mais complexo do que a simples resposta ao medo (fuga) ou à raiva (pugnacidade), de modo especial nos seres humanos. (McDougall, 1926)

Já Sigmund Freud ao introduzir as forças primárias de Eros (instinto de vida, sobrevivência e reprodução) e Tânatos (instinto de morte, agressão e autodestruição), especialmente a partir de sua obra “Além do princípio do prazer”, propõe não só a coexistência e o conflito entre duas forças fundamentais que operam na psiquê humana, como também destaca a interação dinâmica entre essas forças. A formulação desse dualismo pulsional emerge como uma tentativa de explicar fenômenos clínicos que escapavam à lógica do princípio do prazer, introduzindo uma dimensão mais complexa da experiência subjetiva. (Freud, 2010) O conceito de Eros, por exemplo, inspirado no deus grego do amor, refere-se à pulsão pela vida, trata-se da energia psíquica voltada à criação, ao vínculo e à

---

<sup>18</sup> Apesar das diversas críticas por seu caráter reducionista e por incorrer em raciocínio circular, uma vez que os instintos eram frequentemente inferidos a partir do próprio comportamento que buscavam explicar (Hampton, 2005; Richards, 2009), convém salientar que teoria de McDougall foi amplamente influente no início do século XX; servindo, portanto, para o caráter ilustrativo deste artigo.

<sup>19</sup> A teoria dos instintos de McDougall se baseia em três componentes: “percepção”, que direciona a atenção da pessoa para certos estímulos no ambiente; “comportamento”, entendido como a ação resultante voltada a alcançar o objetivo; e “emoção”, o estado afetivo que ativa a motivação para a busca (McDougall, 1910). O teórico empregava o termo “propensão” para se referir aos instintos, pois considerava que, nos seres humanos, eles não se manifestam de forma pura, mas eram moldados pela experiência e pelo aprendizado (McDougall, 1923). Em sua obra “*An Introduction to Social Psychology*”, o autor propôs uma lista de instintos, posteriormente expandida em edições seguintes: fuga (medo), repulsão (nojo), curiosidade (admiração), pugnacidade (raiva), submissão (sujeição), autoafirmação (euforia), instinto parental (ternura), reprodução (sexo), busca por alimento (fome), aversão, instinto gregário (sociabilidade), aquisição, construção, choro ou apelo, descanso ou sono, conforto, risada e locomoção (engatinhar e caminhar).

preservação da existência. Sua expressão mais evidente é a da “libido”, compreendida por Freud não apenas em termos sexuais, mas como a força vital que alimenta todas as formas de amor, afeto e construção de laços sociais. (Freud, 2016) Dessa maneira, a função de Eros é unir, conectar e promover a continuidade da vida, seja pela criatividade, pela formação de vínculos interpessoais ou pela perpetuação da espécie.

Tânatos, por outro lado, corresponde à pulsão pela morte e opera silenciosamente, orientando o organismo em direção ao retorno a um estado inorgânico de equilíbrio absoluto. Manifesta-se em comportamentos autodestrutivos, na agressividade voltada tanto para o próprio sujeito quanto para os outros e na chamada compulsão à repetição, em que experiências traumáticas são revividas de maneira recorrente. (Laplanche; Pontalis, 2001) Expressa, assim, a tendência da psiquê à dissolução, à inércia e à destruição.

Freud, portanto, compreende a vida psíquica como o campo de batalha permanente entre essas duas forças; explicando, dessa maneira, a ambivalência do comportamento humano, ora orientado para a construção e para o prazer, ora direcionado para a destruição e para o sofrimento. No entanto, tanto Eros quanto Tânatos não atuam de forma isolada, já que são indissociáveis.

A agressividade, por exemplo, pode ser empregada em favor da autopreservação, revelando a complexidade dessa interação, como se percebe em “Bacurau”, quando sua população emprega da agressão que escala para a violência, não no desejo de mera destruição, mas de sobrevivência. É, exatamente, o equilíbrio entre as duas pulsões que determinará se o sujeito tende a comportamentos criativos e construtivos (prevalência de Eros) ou destrutivos e autodestrutivos (predomínio de Tânatos). (Freud, 2011a)

Seguindo essa dinâmica, a caça pode ser analisada como uma manifestação complexa que reflete a interação e o conflito entre as pulsões de vida e de morte. A interpretação psicanalítica dessa prática revela tanto aspectos destrutivos (agressividade), quanto construtivos (sublimação) envolvidos na atividade. (Roudinesco; Plon, 1998)

O ato de caçar e matar um animal (ou um ser humano como em “Bacurau”), como externalização da pulsão de morte (Tânatos), configura uma expressão da agressividade humana, em que o sujeito exerce domínio e poder sobre a vida de outro ser. Tal gesto pode ser interpretado, simbolicamente, como o retorno do organismo vivo ao estado inorgânico, em consonância com a tendência fundamental da pulsão de morte. (Freud, 2010)

Por outro lado, a caça também pode ser relacionada a Eros, naquilo que é um dos aspectos mais primitivos do homem: a sobrevivência, alinhada à autoconservação. Além disso, caçar assume

dimensões sociais e culturais, funcionando como ritual coletivo, transmissor de tradições e promotor de laços comunitários, demonstrado no grupo de estrangeiros em “Bacurau”.

Na modernidade, quando a caça deixa de ser essencial à subsistência, ela pode ser entendida como uma forma de sublimação: um redirecionamento da agressividade inata para uma prática culturalmente normatizada, ainda que controversa. Nesse contexto, a busca por habilidade, estratégia e domínio sobre a natureza pode ser vista como uma experiência que transcende o ato de matar, conectando-se à energia libidinal de Eros. (Freud, 2011b)

Percebe-se, portanto, que a caça exemplifica, de modo notável, a fusão entre Eros e Tânatos, em que convivem tanto o prazer e a excitação da perseguição (Eros), quanto o impulso destrutivo do abate (Tânatos). Muitas vezes, rituais e justificativas sociais — como a preservação de espécies ou o controle populacional — funcionam como mecanismos de racionalização que mascaram esse conflito interno. Além disso, interpretações críticas à caça podem ser vistas, em termos psicanalíticos, como projeções dos próprios conflitos agressivos do sujeito que condena a prática. (Kristeva, 1989)

A agressividade, apesar de inerente à natureza humana, não é uma força incontrolável, já que pode ser moldada e manifestada de diversas maneiras, dependendo do contexto e do desenvolvimento individual. Assim, a agressão que pode ser vista como um impulso ou uma ação é instrumentalizada pela “violência” cujo desejo é a destruição (Oliveira, 2023), como no comportamento relatado por Terry que, ao sair com os outros para o início da caçada, relata que era a segunda vez que saía armado daquela maneira:

TERRY Vou falar pra vocês uma coisa.]  
 JAKE Sim?  
 JULIA Manda...  
 TERRY Sei lá, acho que tá chegando a hora, né?]  
 JAKE Que hora?  
 TERRY Estamos chegando nessa cidadezinha.]  
 JULIA Estamos, sim.]  
 TERRY Foram duas vezes que eu saí de casa armado até os dentes, com uma Glock e um Mac-10... Eu fui no shopping Chandler, que não ficava perto lá de casa, e outra vez no parque Desert Breeze, que também não era perto... E eu não consegui fazer o que eu queria. Foi logo depois da minha separação... Primeiro, eu queria matar ela e os pais dela, mas eles deram sorte, estavam fora durante essa minha crise. Depois, eu tive vontade de matar qualquer um, para desabafar. Graças a Deus que eu não fiz, era uma péssima ideia.  
 JULIA Relaxa, cara.  
 JAKE Que merda, Terry. (Mendonça Filho, 2020, s/p)<sup>20</sup>

<sup>20</sup> TERRY: Gotta tell you something./ JAKE: Yeah?/ JULIA: Shoot.../ TERRY: Well, I don't know, this is it, I guess./ JAKE: This is what?/ TERRY: We're heading into that village./ JULIA: Oh yes, we are./ TERRY: You know, it happened twice, I left home with my backpack stuffed with ammo, a Glock and a Mac-10... I went to the Chandler mall, which was nowhere near my place, and once to the Desert Breeze Park, also pretty far away... Couldn't bring myself to do it. It was right after my breakup... First, I felt like killing her and her mom and dad, they got lucky, they were out of town in the middle of the crisis. Then I just felt like shooting people, to get it out of my chest. Thank God I didn't, it was a bad idea./ JULIA: Take it easy, man./ JAKE: That's fucked-up, Terry.

No contexto da predação humana, especialmente em casos de psicopatia ou agressão sexual, o comportamento predatório é caracterizado pela busca por vulnerabilidade, manipulação e obtenção de prazer por meio do controle sobre o outro. Tais indivíduos constroem, frequentemente, uma imagem civilizada e socialmente responsável de si mesmos, a fim de enganar suas vítimas e o ambiente ao redor. Utilizam-se, dessa maneira, da persuasão e da influência como suas principais ferramentas. Sua satisfação pode estar ligada à sensação de poder e de controle, ativando os mesmos circuitos de recompensa cerebrais que são ativados em outras formas de busca por prazer.

Portanto, se as teorias psicológicas e evolutivas sugerem que o prazer na caça e em comportamentos predatórios humanos pode ser compreendido como uma manifestação complexa de instintos inatos, moldados por fatores ambientais e culturais, esses são mediados por mecanismos neurobiológicos de recompensa. A busca por controle, poder e a satisfação da conquista são elementos-chave que podem aguçar esses instintos e gerar prazer.

Devemos acrescentar a esses fatores psicológicos o fato de que a busca por prazer e a sensação de recompensa são processos intrinsecamente ligados à neurobiologia humana, tendo a “dopamina” um papel central. Esse neurotransmissor é fundamental para o sistema de recompensa cerebral, responsável por mediar a sensação de prazer, motivação e bem-estar. Quando liberada, seus níveis aumentam em resposta a um estímulo ou a uma ação, e o corpo experimenta sensações de prazer, recompensa e até euforia.

No contexto da caça, seja de animais ou, em um sentido mais amplo, de busca por objetivos, a antecipação e a concretização da “presa” podem desencadear uma liberação significativa de dopamina. Essa liberação não ocorre apenas no momento da obtenção da recompensa, mas também durante o processo de busca e perseguição, o que reforça o comportamento e impulsiona a repetição da atividade. A sensação de realização e a satisfação da conquista, elementos-chave na caça, são mediadas por esse sistema dopaminérgico.

Percebemos isso quando vemos os estadunidenses Julia e Jake correndo para alcançar um carro que conduzia dois moradores de Bacurau, Nelinha e Cláudio, que fugiam da cidade de carro com medo daquilo que estava ocorrendo no vilarejo. De repente, o carro é alvejado por diversos tiros. Nesse instante, ambos os caçadores, excitadíssimos, contemplam o que acabaram de fazer e comunicam-se via rádio, confirmando aquilo que os outros já estavam assistindo via drone.

Ao desligar, Julia que não conseguia controlar a excitação diz:



desde insetos até presas artificiais, indicando um mecanismo neural específico para o comportamento de caça (Han et alii, 2017).

A relevância dessa descoberta reside no fato de que a amígdala é uma estrutura cerebral bem preservada entre os mamíferos, sugerindo que esses circuitos neurais podem estar envolvidos na regulação da caça em outras espécies, incluindo humanos. Isso implica que o prazer associado à caça pode ter uma base neurobiológica profunda, enraizada em circuitos cerebrais que impulsionam e recompensam esse comportamento. A agressão, por sua vez, também possui bases neurais complexas, com estudos indicando o envolvimento de diversas regiões cerebrais e neurotransmissores na sua modulação (Siqueira-Batista et alii, 2007). A interação entre esses circuitos de caça e agressão pode explicar, em parte, a intensidade das sensações experimentadas durante a caça e a predação, bem como a complexidade dos instintos humanos relacionados a esses comportamentos.

Evidentemente que a distinção entre a predação animal (para subsistência) e a humana (muitas vezes para gratificação psicológica ou patológica) é crucial. No entanto, a base instintiva e neurobiológica do prazer associado à busca e à conquista, bem como a ativação de centros de recompensa no cérebro, sugere uma continuidade evolutiva. A diferença reside na complexidade das motivações humanas, que são moldadas por fatores sociais, culturais e psicológicos, além dos puramente biológicos. A compreensão desses mecanismos é vital para abordar e prevenir comportamentos predatórios na sociedade, como aqueles que se observam em Bacurau, por exemplo.

## **6 QUANDO O CAÇADOR SE TORNA A CAÇA**

Com a prepotência de quem acredita estar no controle da situação, já que o vilarejo estava, totalmente, às escuras – ausência de sinal de internet, falta de luz, acessos à cidade bloqueados –, os estrangeiros dirigem-se para o vilarejo para iniciar o safári propriamente dito. Vestidos com roupas de combate, armados com rifles e usando bonés, embrenham-se na caatinga. Willy e Kate, no entanto, adiantam-se e vão em direção à casa de Damiano.

O drone empregado pelos estadunidenses, verdadeiros olhos perscrutadores do local e de sua gente, é capturado: eles também estão às cegas agora. Algo que não teria tanta importância, afinal aquela gente atrasada e acomodada não deveria sequer ter ideia do que estaria por vir e seria pega de surpresa.

No meio do caminho, uma imagem chama a atenção daqueles estrangeiros: um antigo carro de polícia todo cravado de balas:

JULIA	Esse tem buracos de bala.
CHRIS	Isso é um carro de polícia?
MICHAEL	São só carros velhos.
JULIA	<b>Essa área é segura mesmo?</b>
MICHAEL	Ah, é sim, e é aqui que nos separamos.
JOSHUA	Você vai sozinho?
MICHAEL	Vou. (Mendonça Filho, 2020, s/p, grifo nosso) <sup>23</sup>

Apesar de toda excitação do dia anterior, abre-se para Julia uma janela de realismo com seu questionamento. Convém lembrar que todo safári tem seus riscos e são eles que oferecem também adrenalina a seus entusiastas. No entanto, o safári que aqueles estrangeiros têm diante de seus olhos é *clean*, é soft, ou seja, feito sob medida e sem grandes riscos, já que tem todo o aval das autoridades na figura do prefeito Tony Júnior. Apesar disso, a preocupação de Julia não era sem fundamento, deveria haver algo naquele local que eles desconheciam.

Kate e Willy, momentos antes, dirigiram-se para a cabana de Damiano e de sua mulher, observando-os enquanto preparavam sua emboscada. Suas vítimas mostravam-se como verdadeiros “selvagens” das savanas africanas e ainda mais vulneráveis, pois estavam nus e não demonstrariam qualquer reação. Confiantes, os estadunidenses aproximam-se do local, sempre com ar de superioridade e decidem que caberia a cada um pontuar, ou seja, um tiro para cada um deles.

Diferentemente do que os caçadores haviam pensado, Damiano havia percebido que estava sendo vigiado e, como se nada estivesse acontecendo, entrou em casa. Enquanto isso, Willy e Kate aproximam-se da choça e ateam fogo no telhado de palha para desnortear suas vítimas que saíam e seriam alvejados. Kate diz ao companheiro: “Go, go...”, o caçador, ao colocar-se diante da porta para surpreender e atirar em seu morador, foi por este surpreendido e alvejado com um tiro de bacamarte cuja violência explodiu sua cabeça. Totalmente desnorteadas, Kate põe-se a atirar à esmo; mas é atingida por um outro tiro ao passar pela janela da cabana. A estadunidense, com a mão e o antebraço destroçados, grita por socorro. O casal presta auxílio, levando-a para Domingas, a médica da cidade, mas ela não resiste.

Joshua e Julia dirigem-se ao vilarejo e deparam-se com um varal com roupas ensanguentadas de adultos e de uma criança. A cena chama a atenção, pois era um claro sinal memorialista em homenagem àqueles que partiram de maneira tão brutal. No entanto, ao depararem-se com a cena, os caçadores criticam a ação:

<sup>23</sup> JULIA: *This one's got bullet holes./CHRIS: Is this a cop car?/ MICHAEL: These are just old cars./ JULIA: **Is this area really safe?**/ MICHAEL: *Oh yes, it is, and here is where we split./ JOSHUA: Are you going solo?/ MICHAEL: I am.**

JOSHUA                      Malditos selvagens.  
JULIA                      Pessoal, há roupas ensanguentadas penduradas num varal. Não estou gostando. (Mendonça Filho, 2020, s/p)<sup>24</sup>

Interessante perceber, mais uma vez, a inversão de valores, pois os selvagens para os estrangeiros/invasores são aqueles que expõe a barbaridade, não os que a cometem. Julia, mais uma vez, não vê com bons olhos a cena, aquilo poderia ser um sinal de que aquelas pessoas não eram tão mansas como supuseram inicialmente.

Outro fato, porém, que põe os caçadores em alerta é a possível constatação de que o vilarejo esteja, aparentemente, vazio, quebrando sua expectativa e excitação iniciais. Se isso incomodava os mais jovens, sedentos por sangue e adrenalina, que estavam na linha de frente, ou seja, nas ruas do vilarejo, quem dirá a Michael, o líder e mais velho do grupo. Este, sozinho no ponto mais alto do local, observava o vilarejo pela mira telescópica de seu rifle, à procura de suas vítimas, questionando-se onde estariam as pessoas do local: elas não teriam como fugir dali.

Mais uma vez se demonstra que, no contexto da “predação humana” – como a psicopatia, a dominação que se considera inferior – o fator surpresa é essencial para se atingirem os objetivos propostos. A vulnerabilidade, a fragilidade, a impossibilidade de defesa e de proteção das vítimas fazem parte intrínseca do processo, já que é por meio dessa manipulação e controle que se obtém prazer. É, portanto, essa sensação de poder e de autoridade sobre o outro que ativam os mesmos circuitos cerebrais de recompensa que são ativados em outras formas de prazer.

No entanto, aquilo que os caçadores estadunidenses têm diante de si é o oposto: deparam-se não com pessoas correndo apavoradas diante do caos instalado, mas com ruas vazias e com silêncio. Algo havia quebrado aquela expectativa pulsante por que tanto esperaram: onde estariam os gritos, as pessoas correndo desesperadas e os corpos tombando diante de um ataque surpresa? Tal excitação, a da captura, seguida da obtenção da recompensa obtida não se concretizara, por isso que os circuitos cerebrais de recompensa não são ativados, advindo daí frustração, raiva e desânimo.

Toda a ação deveria durar por volta de 90 minutos, no entanto nada estava ocorrendo conforme havia sido combinado previamente. Isso foi deixando os ânimos exaltados e os caçadores, pouco a pouco, foram baixando a guarda. Enquanto isso, um caminhão trazendo caixões, para recolher os corpos dos moradores mortos, já havia chegado ao vilarejo e dois homens, provavelmente a serviço da prefeitura, começam a descarregar.

---

<sup>24</sup> JOSHUA: *Fucking savages.* / JULIA: *Guys, there's blood-stained clothing hanging by this house. I don't like the looks of it.*

A ansiedade do grupo aumenta. Os caçadores, um a um, percebem que o tempo está passando e nada acontecia. Julia, cansada de esperar e com uma ansiedade à flor da pele, dá uma rajada de metralhadora na parede da escola. Ao parar, ela e Joshua continuam em sua procura, no entanto, as janelas da escola se abrem e “cospem uma saraivada anônima de fogo que fuzila os dois” e são eliminados em frente à escola. Michael também começa a atirar à esmo, esperando com isso que algo ocorresse, mas nada! Entediado, o líder daqueles homens acaba, por fim, atingindo o motorista e o ajudante que trouxeram os caixões e, não satisfeito, atira em Chris, um dos estadunidenses, tentando também atingir Jake que procura se proteger.

Enquanto isso, Terry ao entrar no museu, toma conhecimento da história daquele local e de sua gente:

Nas paredes, fotografias em preto e branco e em cores, quase um *storyboard* da história de Bacurau: fotos do passado, festas na rua, personagens do século XX, homens, mulheres, crianças. [...] A famosa imagem das cabeças do bando de Lampião expostas em Angicos (1938), recortes de jornal: “Diário de Pernambuco” — “Coiteiros de Bacurau são alvos da volante”. A última foto mostra cabeças decepadas organizadas em fila na escadaria da igreja de Bacurau. (Mendonça Filho, 2020, s/p)

Ao entrar em outra seção do pequeno museu percebe que, em uma das paredes, diversos objetos expostos estão ausentes. Ao aproximar-se das etiquetas de identificação, constatou que eram armas: Colt .45, Smith & Wesson, Luger, Winchester. Aqueles moradores deveriam estar bem distantes daquilo que se poderia chamar de “indolentes”, por isso avisa aos outros que os locais deveriam estar armados. Diante disso, não continuou a procurar no local dirigindo-se para a saída. Não percebeu, porém, que havia um alçapão na outra sala de onde uma mão segurando uma Colt .38 dispara três tiros que o atingem. Trôpego, Terry segura o pescoço que sangrava tentando fugir, encostando a mão ensanguentada na parede. Lunga, juntamente com outros moradores do vilarejo, partem para cima do estrangeiro de maneira violenta, decapitando-o.

Jake meio desorientado após a morte de Chris busca abrigo no museu e procura Terry que não dava mais notícias. Ao ver um rastro de sangue no local, chama pelo compatriota que não responde. Enquanto isso, Lunga e outras pessoas estão a sua espreita. De repente, o caçador é surpreendido e trucidado. Assim como os outros, é decapitado.

Michael percebendo que todo o planejamento havia dado errado, ele próprio havia cruzado os limites impostos pelo jogo, pega um revólver e põe na boca, mas tem uma visão da preta Carmelita faz com que volte atrás. O alemão acaba sendo capturado por um dos moradores, Galeguinho, cuja aparência remete ao típico homem do sertão: eis que o Hércules-Quasímodo se faz presente mais uma vez.



Figura 8: Tony Júnior assustado ao ver a cabeça dos estrangeiros mortos em Bacurau



Fonte: “Bacurau”, 2019

Ao se mostrar perplexo diante daquilo que vira – a morte de seus “turistas”, cujas cabeças estavam à mostra na frente da igreja, remetendo à famosa fotografia das cabeças de Lampião e de seu bando exibidas na escadaria do Palácio Dom Pedro II, em Piranhas, Alagoas, publicada em 1938 –, acrescentando-se o fato de grande parte da população do povoado ainda estar armada, o prefeito procura eximir-se de qualquer cooperação com os estrangeiros e com aquilo que vieram fazer em Bacurau. Mostra-se, portanto, um homem bem diferente do arrogante candidato que, poucos dias antes, estava em campanha.

Enquanto, ainda hesitante, afirmava não ter relação alguma com toda aquela situação, as pessoas escutam a voz de Michael que, ao ver o prefeito, começa a chamá-lo pelo nome:

MICHAEL	Tony!!
TONY JR.	Oh... Quem é esse? Não o conheço!
MICHAEL	Amigo!!
TONY JR.	Não o conheço, Lunga, não tenho nada a ver com isso! Não sei quem é esse, Lunga!
[...]	
MICHAEL	Tony, o que está acontecendo? Você prometeu! Tony!
TONY JR.	Não te conheço...
MICHAEL	Tony... dinheiro! (MENDONÇA FILHO, 2020, s.p.)

Não havia mais dúvidas sobre a conivência das autoridades no massacre fracassado em Bacurau, especialmente quando Michael chamou o prefeito de “amigo”, mostrando que já se conheciam. Além disso, após testemunhar o que aconteceu com os membros de seu grupo, o alemão o questionou, perguntando como as coisas tinham chegado àquele ponto; já que ele, provavelmente, havia prometido uma estadia “fácil”, não um confronto como aquele.

Aquelas pessoas não tiveram escolha a não ser aplicar uma punição exemplar ao prefeito por sua falta de caráter e completa inversão moral. Afinal, em vez de buscar o bem-comum, vendeu seus concidadãos para serem caçados e mortos por estrangeiros, sem mencionar que não demonstrou nenhuma honra ao querer negar o inegável.

Assim, a cena final mostra Tony Júnior apenas de cueca, montado de costas em um burrico, com o rosto voltado para o rabo do animal e coberto por uma máscara (fig. 9). Em tal punição, mesmo utilizada na Idade Média, o condenado torna-se uma imagem de desonra e ridículo, isso porque essa representação não apenas inverte a ordem natural – o homem deve dominar o animal, não o contrário –, como também o reduz a um estado semi-bestial. Demonstra-se, além disso, a própria inversão moral do condenado, pois ele perde sua dignidade racional, sendo-lhe negado o direito de ter o próprio rosto exposto; tornando-se, assim, instrumento da vergonha pública, incapaz de seguir em frente, exatamente, por se opor à norma, à moralidade ou à lei estabelecida pela própria sociedade da qual fazia parte.

A execução de Michael também é simbólica, ilustrando não apenas a conexão entre a origem do nome da aldeia e o confinamento do caçador na própria região que ele buscava destruir. O bacurau é uma ave noturna e, à primeira vista, parece fraco e doentio – ao contrário de outras aves que se empoleiram em árvores –, pois prefere permanecer no chão, aumetando ainda mais sua possível “indolência”. Seu bico parece minúsculo em comparação com a envergadura de suas asas, enfatizando sua aparência “inofensiva”; entretanto, quando abre a boca, seu tamanho real se torna evidente: é muito maior do que se espera.

Assim como o pássaro abre a bocarra para caçar e se alimentar, a aldeia de Bacurau também abre a sua – não para se alimentar daquele que tentou destruí-la, mas para engoli-lo inteiro, transformando-o em um troféu no interior de suas entranhas. Michael, portanto, é preso no interior da grande bocarra da aldeia; que, como a do pássaro, está próxima ao chão. Sua execução, como a dos outros caçadores, serviu a um propósito: tornar-se estatística e fazer parte da história de resistência do povoado.

Figura 9: Punição de Tony Júnior



Fonte: “Bacurau”, 2019

O evento se torna um momento catártico porque, ao contrário da afirmação de Adolf Hitler de que os povos sul-americanos estavam fadados ao fracasso e à dominação devido a sua miscigenação, Bacurau – apesar de ser uma obra de arte – mostra claramente que a história real é bem diferente, como a história comprovou ao longo das gerações.

Não é coincidência que o líder do grupo, Michael, um alemão, fosse quem comandava os americanos: arianos e brancos que, segundo as teorias eugenistas e supremacistas do final do século XIX e início do século XX, nasceram para dominar o mundo. Mas o Terceiro Reich alemão, que deveria durar mil anos (*Tausendjähriges Reich*), durou apenas doze; e o Império Americano, por sua vez, também enfrenta seu iminente colapso.

## REFERÊNCIAS

- CUNHA, Euclides da. *Os sertões* (Edição crítica). São Paulo: Ática, 1998.
- FREUD, Sigmund. “Além do princípio do prazer”. In: *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. “O ego e o id”. In: *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.
- FREUD, Sigmund. “O mal-estar na civilização”. In: *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.
- FREUD, Sigmund. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- GOBINEAU, Arthur. *The inequality of human races*. London: Heinemann, 1915.
- HAN, Wenfei et al. “Integrated Control of Predatory Hunting by the Central Nucleus of the Amygdala”. In: *Cell*, vol. 168, issue 1, p. 311-324.
- HAMPTON, Stephen. “Giving Up Instincts in Psychology – or Not?” In: *Passauer Schriften zur Psychologiegeschichte*, v. 22, p. 45-67, 2005
- HITLER, Adolf. *Minha Luta*. Mein Kampf. São Paulo: Centauro, 2001.
- HOBSBAWN, Eric. *Bandidos*. São Paulo: Terra e Paz, 2015
- KRISTEVA, Julia. *Poderes do horror*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- MCDUGALL, William. *Social Psychology*. Boston: John W. Luce & Company, 1910.
- MCDUGALL, William. *An Outline of Psychology*. London: Methuen & Co., 1923.
- MCDUGALL, William. *Outline of Abnormal Psychology*. New York: Scribner’s, 1926.
- MENDONÇA FILHO, Kléber. *Três roteiros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- NARRATIVE OF THE SURVEYING VOYAGES...* London: Henry Colbourn, 1839.
- OLIVEIRA, Maria Paula T. “Reflexões sobre agressão e violência: da biologia à cultura”. In: *Junguiana*, v. 41-2, p 117-126, 2023.
- RICHARDS, Graham. *Putting Psychology in its Place: A Critical Historical Overview*. 3rd ed. London: Routledge, 2009.
- ROUDINESCO, Élisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SIQUEIRA BATISTA, Rodrigo et al. “Neurobiologia das emoções”. In: Archives of Clinical Psychiatry, v. 35, 2, 2008.

TÁVORA, Franklin. *O Cabeleira*. São Paulo: Ática, 1988.